

# ADVOCATUS®

POWERED BY  ECO

**EM MEMÓRIA**

**JOSÉ MANUEL  
GALVÃO TELES**

1938 – 2023

**UM HOMEM  
DE CAUSAS**



**145**

**Diretor:** António Costa  
**Diretora executiva:** Filipa Ambrósio de Sousa  
10 Edições Anuais | Ano VIII | **Abril 2023** | 5 euros  
[advocatus.pt](http://advocatus.pt)

# UMA JOVEM JORNALISTA E O DR. JOSÉ MANUEL GALVÃO TELES

**Mas os olhos meigos, de miúdo maroto (é uma expressão que se lhe adequa que nem uma luva), a simpatia imediata e, acima de tudo, a simplicidade, manifestaram-se logo nos primeiros cinco minutos.**

Filipa Ambrósio  
de Sousa  
Diretora  
Executiva



Corria o ano de 2004. Com menos 19 anos em cima, eu, uma jovem aprendiz de jornalista, a quem tinham dado a função de começar a escrever sobre o mercado dos advogados, no Diário Económico, decidi começar por conhecer pessoalmente, um por um, dos que, à data, já detinham o estatuto de senadores do direito. Comecei por José Miguel

Júdice – na altura bastonário dos Advogados – continuei com André Gonçalves Pereira e o meu terceiro encontro foi com o José Manuel Galvão Teles. Combinamos algures numa pastelaria de renome, no Estoril, um pequeno almoço logo cedo. Nervosa e ansiosa, cheguei, pontualmente, ao encontro daquele que tinha fundado uma das (já na altura) maiores sociedades de advogados em Portugal: A Morais Leitão, Galvão Teles, Soares da Silva & Associados (um nome que me forcei a decorar na véspera do encontro para não fazer má figura!). Mal cheguei, já o Dr. José Manuel Galvão Teles me esperava. Entrei em pânico com a possibilidade de ter deixado à espera um homem e advogado tão ocupado. A paixão foi imediata. Como uma recém licenciada em direito que era, e que há menos de um ano terminara o estágio de advocacia, esperava um homem sobranceiro, de simpatia forçada e com alguma altivez na postura. Como os advogados, dessa geração, me estavam a começar a habituar. Mas os olhos meigos, de miúdo maroto (é uma expressão que se lhe adequa que nem uma luva), a simpatia imediata e, acima de tudo, a simplicidade, manifestaram-se logo nos primeiros cinco minutos. Uma das minhas mais interessantes experiências profissionais: a simples conversa que durou mais de 4 horas. Disse-lhe por várias vezes que me fazia lembrar o meu avô materno – que nos deixara há seis anos – e com quem tinha uma relação de

filha e uma admiração e amor sem limites. Pediu-me para falar então do meu avô que me dera o nome inesquecível: Ambrósio. Durante algum tempo, aquele senador da advocacia absorveu a (minha) história de família, os episódios em Moçambique dos meus avós e da minha mãe, as minhas raízes à Beira Baixa, o meu gosto pela política, o lado de necessidade de intervenção cívica que herdei da minha mãe, a admiração que os meus pais me levaram a ter por Jorge Sampaio (seu amigo de longa data), a missão que eu (ainda) encarava no jornalismo, a admiração pelo perfeccionismo do meu pai, os meus medos, as minhas dúvidas (e na altura eram tantas!).

Foram vários os pontos em comum que encontrei com este homem. Saí dali mais rica, mais sábia, mais curiosa pelo mundo, com uma vontade ainda maior de aprender e de ter vida. E com confiança: porque aquele senhor, que tanto deu ao país e à advocacia, me disse somente isto: vais conseguir, Filipa, tu és das de fibra! A última vez que o vi foi na apresentação do livro de Daniel Proença de Carvalho. Fui ter com ele - já muito afetado pela doença - e dei-lhe um abraço. Os olhos, os tais de miúdo maroto, e o seu riso sincero estavam lá. E foi isso que José Manuel Galvão Teles me deixou: mais do que um grande advogado, foi e será sempre um grande homem, que lidava com todos os seres humanos de forma igual. E são tão poucos esses. Obrigada, Dr. José Manuel Galvão Teles. ■

**ADVOCATUS**  
POWERED BY @ECO

PUBLISHER SWIPE NEWS, SA SEDE DA REDAÇÃO/ SEDE DO EDITOR Rua Joshua Benoliel, nº 6 - 3º B e C - 1250-273 Lisboa NIPC 513893970 Nº TELEFONE GERAL 210119890  
DIRETOR GERAL Paulo Padrão | paulo.padrao@eco.pt DIRETOR António Costa | antonio.costa@eco.pt DIRETORA EXECUTIVA Filipa Ambrósio de Sousa | filipa.ambrosio@eco.pt  
DIRETOR COMERCIAL Diogo Agostinho | diogo.agostinho@eco.pt DIREÇÃO COMERCIAL NORTE Teresa Morgado Loio ADMINISTRADOR ÚNICO João Filipe Poças  
Paixão Martins DISTRIBUIÇÃO POR ASSINATURA Preço: 40 euros (10 edições) advocatus.geral@eco.pt TIRAGEM MÉDIA MENSAL 2.500 ex. PERIODICIDADE 10 Edições Anuais  
DEPÓSITO LEGAL 21725 Nº REGISTO ERC 125859 IMPRESSÃO ONDAGRAFE, Rua da Serra, nº 1, A - das - Lebres, 2660-202 Stº Antão do Tojal DISTRIBUIÇÃO VASP - Distribuição de  
Publicações, SA ESTATUTO EDITORIAL DISPONÍVEL EM www.advocatus.pt PROPRIETÁRIO Newsengage - Media, Conteúdos e Comunidades, S.A. | Edifício Lisboa Oriente Av. Infante  
D. Henrique, 333H, Esc. 37 1800-282 Lisboa T. 21 850 4060 NIPC 506.871.711 DETENTOR DO CAPITAL SOCIAL Mood Marketing - SGPS, S.A. (100%)

6

## EM MEMÓRIA DE JOSÉ MANUEL GALVÃO TELES

Nasceu em Lisboa, a 8 de abril de 1938. Curiosamente, o mês em que esta edição, dedicada a José Manuel Galvão Teles, estará nas bancas. Mas este é um trabalho que não pretende ser uma homenagem à sua partida, mas à sua vida. O que foi, o que é e o que perdurará de José Manuel Galvão Teles, que morreu a 2 de março.

26

## IA CHATGPT PODE AJUDAR ADVOGADOS, MAS NÃO OS PODE SUBSTITUIR

A *Advocatus* questionou três escritórios de advogados sobre o impacto da Inteligência Artificial, em particular do ChatGPT, no setor da advocacia. Todos defendem que beneficia e auxilia o setor e que dificilmente irá substituir o papel do advogado, pelo menos para já.

34

## ORDENS PROFISSIONAIS FIRMAS NÃO PREVÊEM GRANDES MUDANÇAS COM NOVA LEI

A *Advocatus* foi tentar saber junto das principais sociedades de advogados o que vai mudar nos seus escritórios com a aprovação do novo regime das ordens profissionais, mas sem sucesso. Apenas duas firmas decidiram partilhar a sua posição.

42

## ADVOGADO DO MÊS MIGUEL COUTINHO

O associado sénior da Cuatrecasas admite que há setores que ainda não acordaram para a necessidade do *compliance* e defende que as empresas dizem que aprovaram códigos de conduta, mas “depois não refletem esse espírito internamente”.

50

## NEGÓCIO DO MÊS GALP VENDE ATIVOS DE PETRÓLEO EM ANGOLA

A Galp foi assessorada pela PLMJ, pelo Bank of America como assessor financeiro e pela Baker & McKenzie, escritório de Londres, nas matérias de lei inglesa. A Somoil teve como *advisers* a White & Case e a Eversheds Sutherland FCB.

56

## SOCIEDADE DO MÊS LEGAL LATIN ADVISORS

O sócio Luís de Andrade Pinhel fez um balanço do primeiro ano de atividade do escritório. Revelou que áreas como as de marítimo e arbitragem serão uma “verdadeira aposta” no futuro. O advogado avançou ainda que a abertura de um escritório no Porto é “uma realidade que está para acontecer a breve trecho”.

74

## AS ESCOLHAS DE... ANDRÉ DUARTE COSTA

Associado da  
Almeida, Dias  
& Associados



// José Manuel Galvão Teles



# “O MEU CORPO NÃO TEM DIGNIDADE NENHUMA, MAS EU TENHO!”

José Manuel Galvão Teles, fundador da atual Moraes Leitão, morreu no dia 2 de março. Deixa um legado aqui testemunhado por muitos dos seus amigos e colegas. Leia o que foi, o que é e o que perdurará do advogado que lutou ferozmente contra a doença de Parkinson e que se agarrou à sua liberdade com todas as forças.

TEXTO FILIPA AMBRÓSIO DE SOUSA  
FOTOGRAFIAS JOSÉ CARLOS CARVALHO

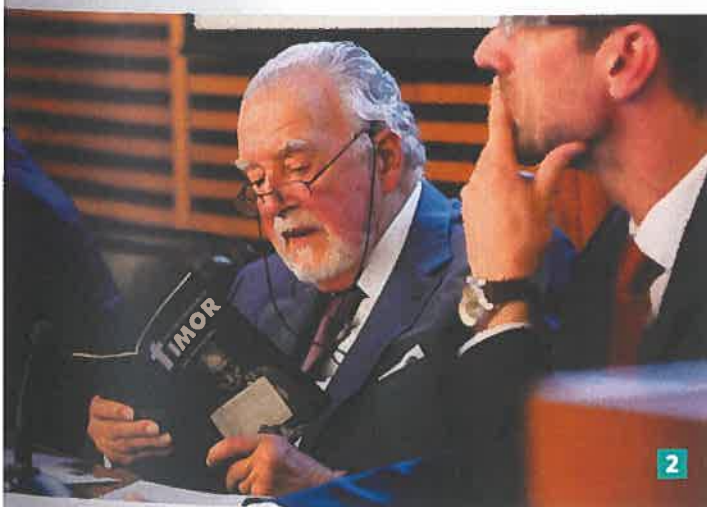
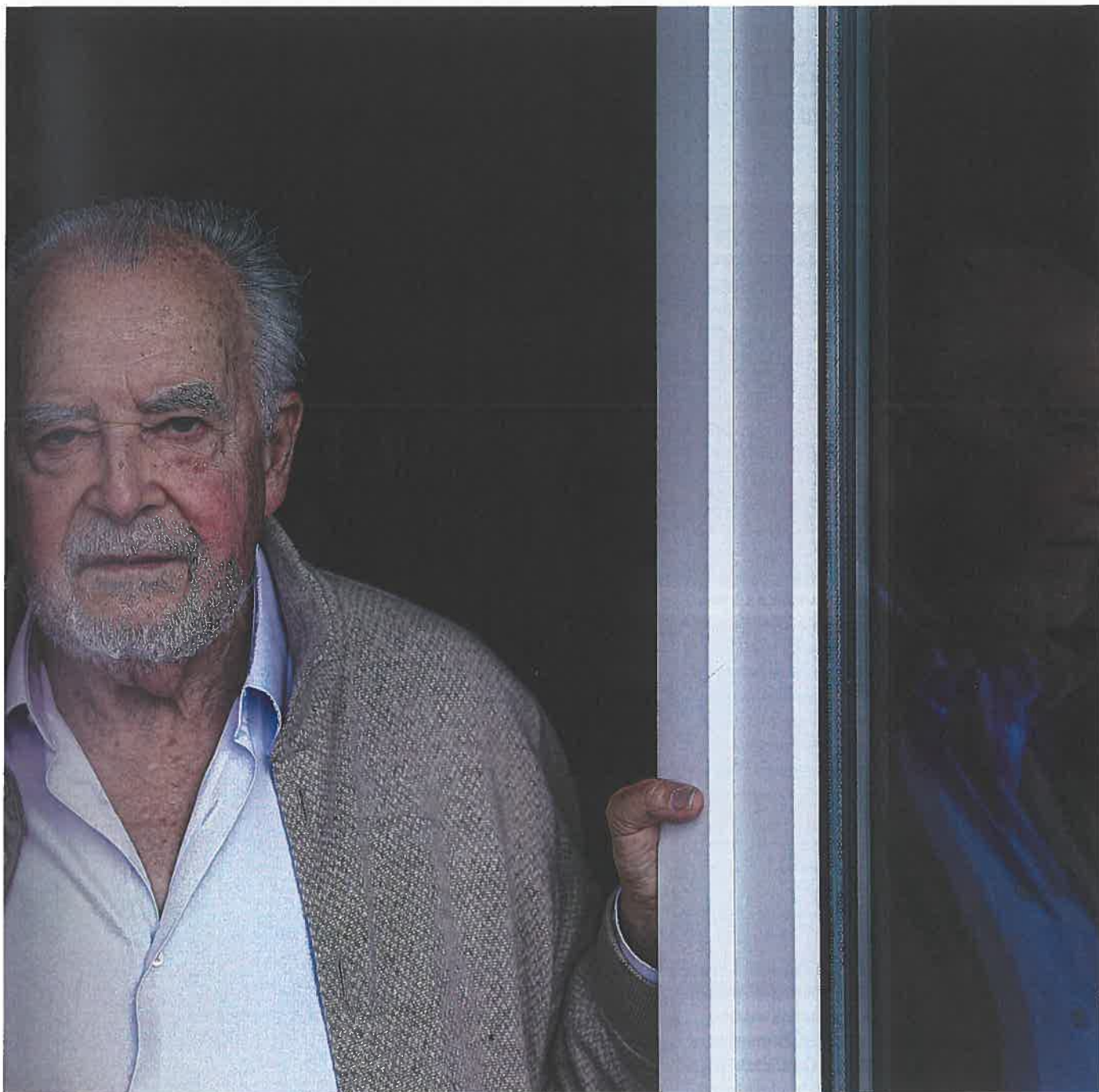
// José Manuel Galvão Teles

Nasceu em Lisboa, a 8 de abril de 1938. Curiosamente, o mês em que esta edição, dedicada a José Manuel Galvão Teles, estará nas bancas. Mas este é um trabalho que não pretende ser uma homenagem à sua partida, mas à sua vida. O que foi, o que é e o que perdurará. José Manuel Galvão Teles, fundador de um dos mais importantes escritórios portugueses, que durante antes carregou por extenso o seu apelido, exerceu advocacia durante mais de 60 anos. Licenciou-se em direito na Universidade de Lisboa e, enquanto estudante, foi dirigente da JEC (Juventude Escolar Católica), da JUC (Juventude Universitária Católica) e presidente nacional da Juventude Católica. Entre 1964 e 1967 fez também parte da Junta Central da Ação Católica. Amigo pessoal de Jorge Sampaio, Galvão Teles assumia, à data do lançamento do seu livro “Uma vida de Causas” - publicado em 2014 e com quase 400 páginas de uma história de vida pela escrita de muitos amigos, colegas e família - que a principal esperança dele “neste momento da minha carreira”, era a de poder “continuar a acompanhar e a ajudar por mais algum tempo, com o mesmo entusiasmo e a mesma serenidade. O trabalho dos advogados e colaboradores desta firma que, com a total dedicação de todos, tem vindo a marcar um lugar de excelência na advocacia que se pratica no nosso país, bem como lá fora”. Sublinhando o desejo de que a Morais Leitão “venha a perpetuar-se no tempo com o mesmo espírito de exigência e rigor, por um lado, e de ética e fraternidade, por outro, à semelhança do que nós desde o início procuramos fazer para reforçar a coesão e harmonia desta nossa comunidade de trabalho”. Um homem intelectualmente desafiador, positivo, intenso. “Desafiador, positivo, intenso e afetuoso. Ele era muito afetuoso, e não queria que fosse só tristeza, sobretudo porque nos queria – e nos quer – bem”, escreve Rui Patrício, no testemunho que o sócio da Morais Leitão, e pupilo do advogado no início da sua carreira, partilhou a pedido da *Advocatus*. Para nos recordarmos sempre de quem e do que foi José Manuel Galvão Teles, o livro é de leitura obrigatória. Jorge Sampaio, ex-presidente da República e que se filiou no PS na mesma altura que o advogado, em 1978, não deixou de colaborar, à data, dizendo-se “lisonjeado por aqui estar. Estou de forma diferente, se me permitem. O Zé Manel, é assim que o chamo,



José Manuel Galvão Teles,  
fotografado por José Carlos  
Carvalho, em 2018





Depois do 25 de Abril, viria a assumir o cargo de Embaixador de Portugal nas Nações Unidas, salientando-se o papel fundamental no processo de negociação da descolonização de Timor-Leste, pela sua independência.

1. No auditório do Instituto Miguel Galvão Teles, com Martim Krupenski 2. Na comemoração dos 15 anos da independência de Timor-Leste, em Junho de 2017

// José Manuel Galvão Teles

não se dizer de outra forma, é um dos meus melhores amigos. Há décadas, sem falhas nem hesitações. Fez sempre advocacia, nasceu para isso, como simplisticamente se costuma dizer. Custou-lhe muito trabalho mas sem os seus talentos e combatividade, jamais chegaria até onde, com toda a justiça, hoje se posiciona. E, claro, com a honestidade e a defesa de inalienáveis princípios de ética e responsabilidade”.

O livro conta ainda os anos de juventude, das lutas estudantis e dos movimentos católicos, o tempo do PREC e do núcleo fundador do Movimento de Esquerda Socialista (MES), a passagem da advocacia dos tribunais para as grandes sociedades de advogados. Um homem que dava um papel determinante na sua vida aos amigos, à família e à luta pela democracia e pela liberdade, no seu sentido mais amplo. Foi amigo de Mário Soares, Jorge Sampaio, Francisco Pinto Balsemão, Maria João Avelaz, António Serra Lopes, Luís Noronha do Nascimento, entre muitos outros. Em 2018, numa entrevista ao semanário *Expresso*, em que já carregava em si a doença de Parkinson, diagnosticada há longos anos, desabafava que “agora, luto ferozmente contra a doença e agarro-me à minha liberdade com todas as forças. Por vezes, corro riscos evitáveis só para me sentir livre”.

Numa crónica publicada na semana da sua morte, no jornal *Público*, Carmo Afonso, advogada homenageou Galvão Teles pela forma como se debatia com essa doença: “Levava a doença consigo, mas ia à mesma a todo o lado e não se coíbiu de nada que, mesmo com dificuldades acrescidas, conseguisse fazer. Atravessava qualquer sala e, se os seus passos o faziam tropeçar, subia e descia escadas em condições que fariam qualquer pessoa preferir o sossego de uma cadeira. Falava ao telefone apesar das palavras se deixarem enrolar. Era infinitamente mais teimoso do que a sua doença.” Logo depois recorda uma frase dita pelo advogado: “O meu corpo não tem dignidade nenhuma, mas eu tenho.”

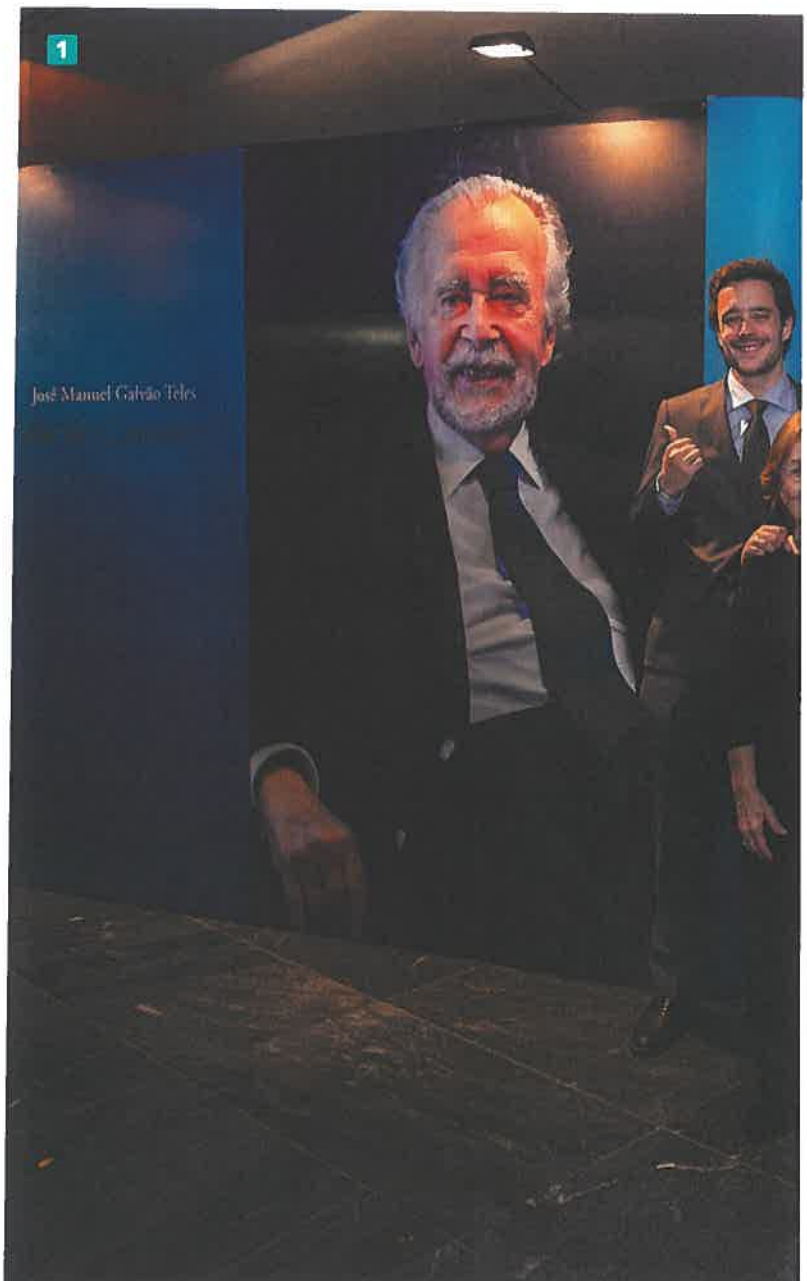
Jorge Bleck, atual sócio da Vieira de Almeida, estagiário de José Manuel Galvão Teles, reforçou o seu sentido ético “no tratamento e respeito pelos colegas e pela profissão e na intransigente defesa dos clientes. Que força e denodado empenho colocava nos seus casos. Oferecia a vida por eles, se necessário fosse. E arriscava. Os seus interesses pessoais e até a sua integridade física, como sucedeu no

mediático caso em que foi advogado da viúva de um afamado líder palestino, assassinado por um comando terrorista no Algarve.” E acrescenta: “Se assumia uma causa, era até à morte. Dando tudo; sacrificando tudo”.

Rui Patrício, a quem coube uns minutos de homenagem no dia da missa e funeral do advogado – realizada na Basílica da Estrela, em

Lisboa, repleta de amigos, colegas e figuras marcantes da política portuguesa – com o seu testemunho com: “as minhas primeiras palavras são para ele: e agora, José Ma E agora, José? Como no poema de C Drummond de Andrade, “José”, que seria citação óbvia para este momento; aliás poema praticamente abre o livro “Uma

**“Em 1967 já era advogado de Champalimaud, que esteve alguns anos fora de Portugal por causa do célebre caso da herança Sommer”, explicava, numa entrevista ao Expresso, em 2018.**








de Causas', que, há quase dez anos, fizemos com ele e para ele, José Manuel Galvão Teles'.

Rui Patrício alertava: "esta é a celebração do fim. Mas não podemos ficar só com a tristeza e verdadeiramente o fim não pode celebrar-se. Não chega, não podemos ficar por aqui, e ele, o Zé Manel, certamente o não permitiria, o não permite. Ah, logo ele, um homem que nunca se rendia, um combatente. 'Qual quê, então é só isso, tristeza? Nada mais. Não lhe damos a volta?', diria ele". Adolfo Mesquita Nunes, que chegou a ser advogado na Moraes Leitão de 2005 a 2013 (tendo estagiado lá anteriormente entre 2000 e 2002) sublinhou a sua "rara dimensão ética, sempre pronto a dizer-nos que um advogado não se basta com o conhecimento e boa aplicação do direito, que a nossa missão não ficava pelas quatro paredes de um escritório ou de um tribunal. foi um

**1. José Manuel Galvão Teles com a mulher Micucha e os netos, na apresentação do livro "Uma vida de Causas", em 2014.**

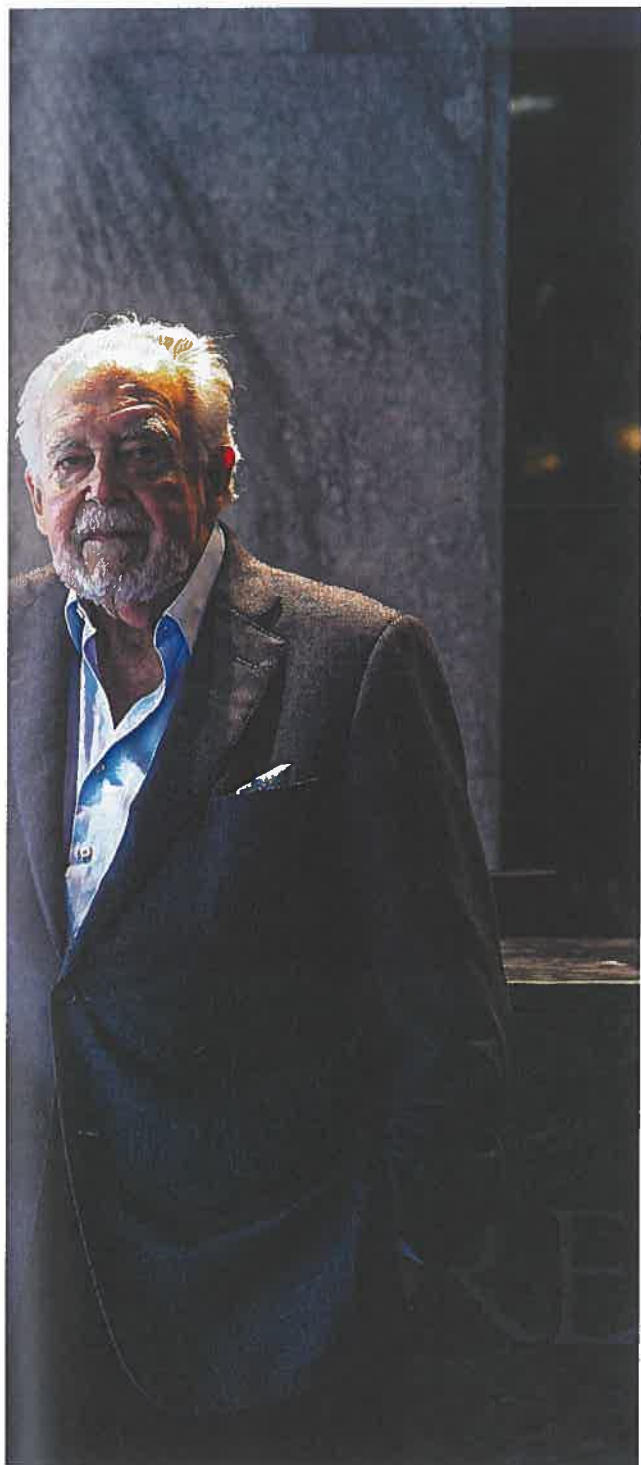
**2. 3. e 4.**

**O advogado com a mulher, Jorge Sampaio e António Serra Lopes, em 2014.**

- 
1. O sócio fundador da Morais Leitão, em 2018, no escritório da Rua Castilho, 165, fotografado por José Carlos Carvalho.
  2. José Manuel Galvão Teles com Cavaco Silva, em 2014, na apresentação do livro.
  3. No dia da assinatura da integração com o escritório Osório de Castro, Verde Pinho, Vieira Peres, Lobo Xavier & Associados, no Hotel Ritz, em 2016;
  4. O advogado com Francisco Pinto Balsemão.

privilégio, não tenho mesmo outra forma de adjectivar a oportunidade de o ter conhecido e de com ele ter trabalhado”, disse o atual sócio da Gama Glória e ex-secretário de Estado do Turismo. Não esquecer que Galvão Teles provém de uma família de juristas, entre os quais o seu tio Inocêncio Galvão Teles, professor catedrático e um jurista de peso que chegou a ser diretor da Faculdade de Lisboa, mas uma figura muito ligada ao Estado Novo, do lado oposto ao caminho político escolhido pelo sobrinho. Mas José Manuel

**O advogado defendeu réus acusados de crimes políticos durante o Estado Novo, participou depois em processos internacionais pela paz e contra o ‘apartheid’, consolidando a carreira dedicada às fusões e aquisições, mas também ao contencioso.**



Galvão Teles nunca deixou de reconhecer o peso e a influência que o nome tiveram no seu percurso, tendo iniciado a sua carreira no escritório de um outro tio. “Trabalhava no escritório do meu tio Zé Maria, mas tinha os meus clientes. Em 1967, por exemplo, já era advogado do António Champalimaud, que esteve alguns anos fora de Portugal por causa do célebre caso da herança Sommer”, explica, numa entrevista dada ao Expresso, em 2018. “Competia-me a mim não tanto fazer o nome mas defendê-lo. Pelo menos,

a minha missão era não o estragar. Quando comecei a exercer, tive a sorte de ter tido três ou quatro casos que não só foram bons como tiveram alguma graça. Portanto, fui sendo apanhado. Mas consegui ter uma vida para lá do escritório. Como durmo muito pouco, aproveito bastante o tempo. Não consigo estar sem fazer nada, nunca estou parado”. Neto de Adriano Telles, o homem que no início do século XX fundou os cafés A Brasileira e com uma admiração intelectual do pai - o único filho de Adriano não licenciado - José

Manuel assumia essa influência intelectual decisiva: “O meu pai influenciou-me intelectualmente. Gostava muito de poesia, e eu herdei esse gosto. A minha mãe era uma senhora, nunca trabalhou. Era muito carinhosa e foi uma grande influência do ponto de vista afetivo. Quando me meti nas lutas académicas, foi considerada pelas tias uma comunista, porque defendia os filhos...”.

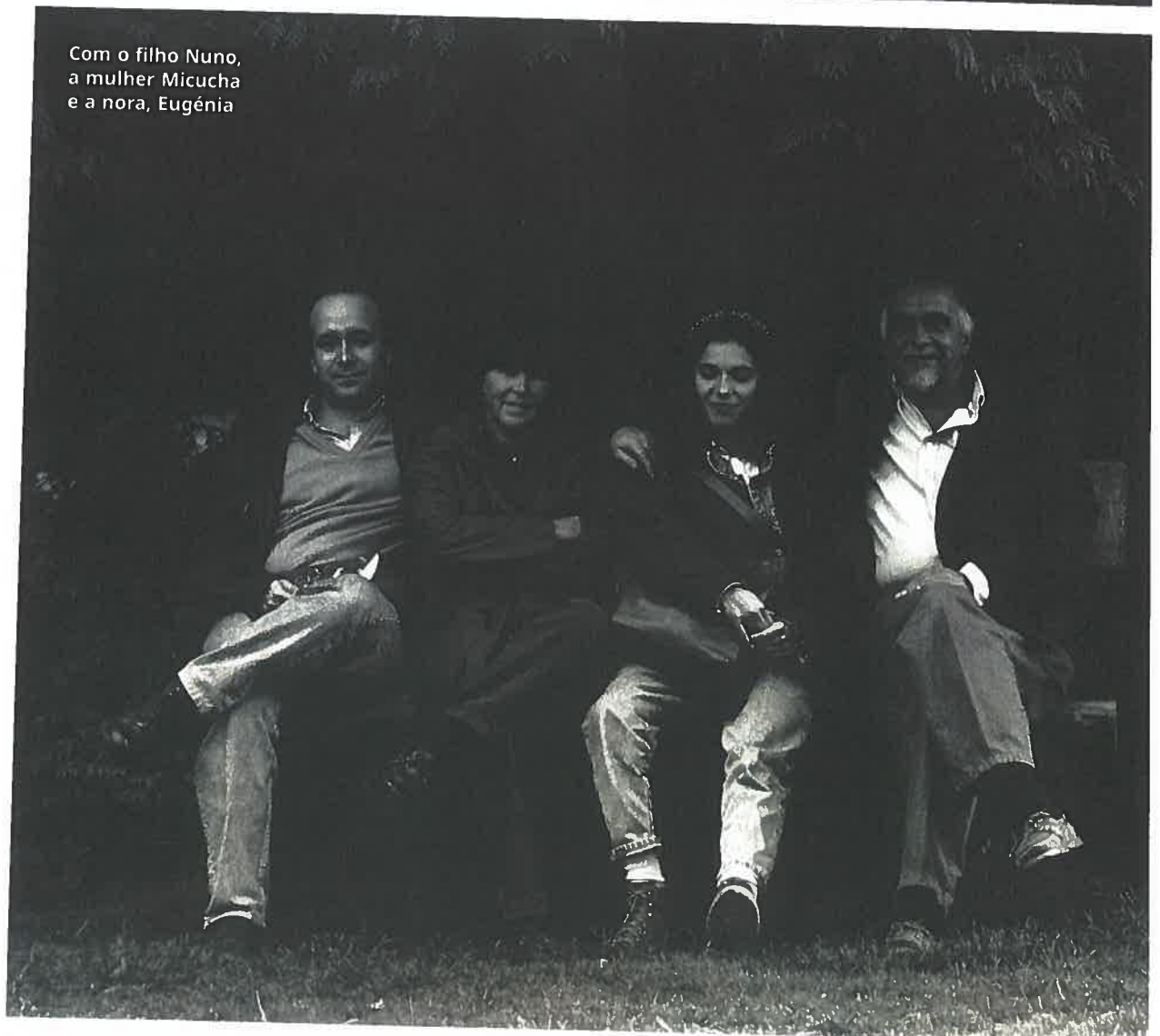
O advogado defendeu réus acusados de crimes políticos durante o Estado Novo, participou depois em processos internacionais

// José Manuel Galvão Teles

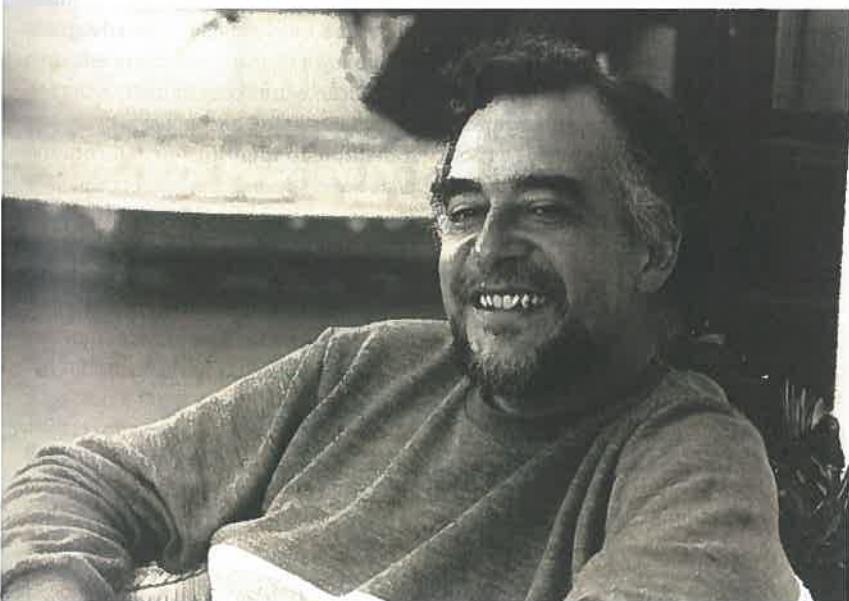
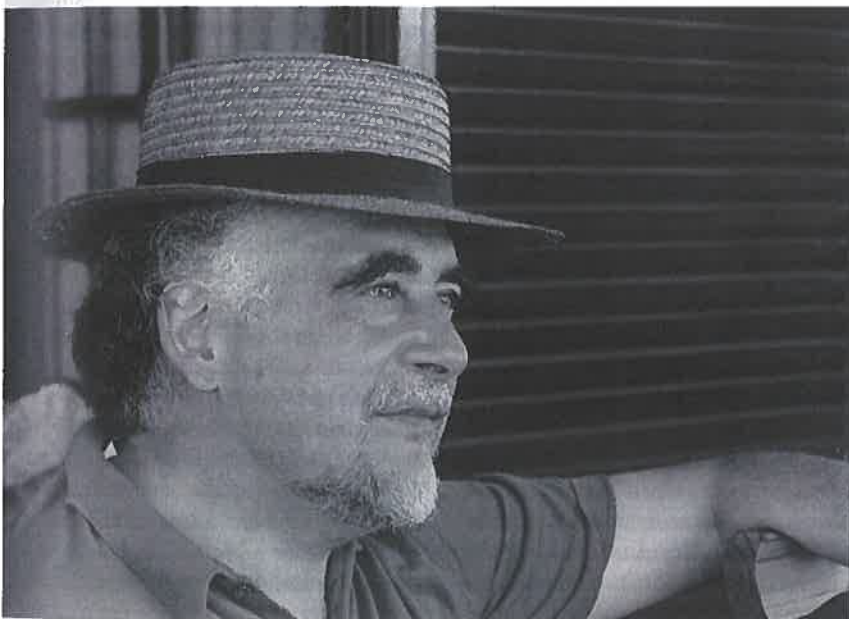
**Um homem que dava um papel determinante na sua vida aos amigos, à família e à luta pela democracia e pela liberdade, no seu sentido mais amplo. Foi amigo de Mário Soares, Jorge Sampaio, Francisco Pinto Balsemão, Maria João Avelaz, António Serra Lopes, Luís Noronha do Nascimento, entre muitos outros.**



José Manuel Galvão Teles com Joana Lopes no dia 25 de abril de 1974



Com o filho Nuno, a mulher Micucha e a nora, Eugénia



pela paz e contra o 'apartheid', consolidando a carreira dedicada às fusões e aquisições, mas também ao contencioso. Depois do 25 de Abril, viria a assumir o cargo de Embaixador de Portugal nas Nações Unidas, em Nova Iorque, salientando-se o papel fundamental no processo de negociação da descolonização, bem como a oposição à ocupação de Timor-Leste, pela sua independência. Nos anos 70 e 80, fez parte da Presidência do Tribunal Internacional para Julgamento dos Crimes do Apartheid. Nos anos 60, foi fundador e dirigente da Cooperativa Pragma (dissolvida posteriormente pela PIDE), editor dos Cadernos GEDOC, presidente do Centro Nacional de Cultura e colaborador da revista *O Tempo e o Modo* (e consequentemente interrogado pelo regime quanto às atividades desenvolvidas), candidato a deputado pela Oposição (CDE) nas eleições de 1969 e advogado de defesa em importantes processos políticos, como a defesa do arquiteto Nuno Teotónio Pereira.

Por fim, não esquecer o orgulho que o advogado sentia pelo filho, Nuno. Como António Pinto Leite, sócio fundador da ML, partilhou com a *Advocatus*, "a quarta década do escritório é o tempo da segunda transição geracional e do reforço da profissionalização. O José Manuel acompanhou de muito perto todo este processo, nesta década liderado pelo seu filho, o Nuno Galvão Teles. A vida reservou-lhe uma satisfação imensa por ver o seu filho, por inteiro mérito e nenhum favor, à frente de uma instituição cuja história e cujos valores o José Manuel trazia tatuados na sua personalidade". ■

## TESTEMUNHO

## AS QUATRO DÉCADAS



**António Pinto Leite**  
Sócio fundador  
da Morais Leitão

Partilhei a minha vida de advogado, durante 40 anos, com o José Manuel Galvão Teles, o José Manuel, quase sempre com gabinetes lado a lado. São quatro décadas diferentes.

Na primeira década, até ao início dos anos 90, praticávamos advocacia individual. O escritório pertencia ao José Manuel, mas cada advogado estava por sua conta, tendo de contribuir para as despesas comuns. Foi muito importante que o início da vida de advogado tenha sido assim, tipo *self made lawyer*. É um contexto ótimo para formarmos a nossa alma liberal, de profissionais independentes, de vida difícil e a pulso. O exemplo do José Manuel trazia luz aquela dureza de vida, de nos fazermos à vida, o seu horário era o horário da excelência. A harmonia interna radicava numa comunhão de ideal, fazer uma advocacia de alto valor acrescentado e mantermos relações amigas, fundadas em humanidade e em solidariedade. Sem se aperceber, porque o horizonte das sociedades de advogados ainda não era nítido, o José Manuel criava verdadeiros futuros sócios, empreendedores e autónomos, preparados para acrescentar valor e não consumir do valor criado. Os valores da Excelência e da Humanidade foram ali plantados. Juntava-se outro valor, inegociável: a Ética.

Na segunda década, decidimos constituir uma sociedade de advogados, a J.M. Galvão Teles, Bleck, Pinto Leite & Associados, sendo também sócios o Jorge Bleck e o Nuno Galvão Teles. Em breve, o João Morais Leitão, um dos grandes advoga-

dos portugueses, desafia-nos para uma fusão com a sociedade que tinha o nome dele. Registei nesta ocasião um gesto de grandeza do José Manuel. O João Morais Leitão era um dos seus maiores amigos e o contacto foi, naturalmente, feito através dele. Era óbvio que a fusão seria um passo muito inteligente, mas pedi tempo para pensar, sobretudo pela paixão que tinha pelo nosso projeto e pela confiança que depositava no seu sucesso. Tendo o José Manuel um gosto sonhado de partilhar o escritório com o seu amigo João Morais Leitão, disse aos seus sócios mais novos e que raros sócios diriam no seu lugar: «Basta um de vocês não querer a fusão para não se fazer». O seu amor à liberdade era tão profundo que incluía o respeito extremo pela liberdade dos outros.

Com o acordo de todos, fazemos a fusão e nasce a Morais, Galvão Teles & Associados. Os valores da Ética, da Excelência e da Humanidade eram partilhados pelas duas organizações. Costumo dizer que uma sociedade de advogados é uma organização, uma empresa, uma instituição e uma comunidade. A organização liberta-nos, a empresa protege-nos, a instituição identifica-nos, a comunidade realiza-nos. Com a liderança do João Morais Leitão nesta década, este barco foi posto na água.

A terceira década é marcada pela primeira transição geracional pela necessidade de responder a vicissitudes internas, com a saída de excelentes advogados por divergências de projeto. Para a nossa cultura, para o nosso temperamento coletivo, era imperioso somar e reunir na institui-

ção talento de primeiro nível. Embora já na casa dos 60, o José Manuel vibra com todos os passos nesse sentido, está sempre na linha da frente, junto com as gerações mais novas. Para se perceber a relevância do José Manuel neste processo de soma de talento é preciso entender a sua dimensão de esteta: o José Manuel apreciava o talento com o mesmo encanto com que apreciava um quadro.

Fazemos, então, a fusão com a sociedade do Miguel Galvão Teles, do João Soares da Silva e do Luís Branco, a MGT/JSS. Depois de realizar o sonho de partilhar escritório com o João Morais Leitão, o José Manuel realiza o sonho de partilhar escritório com o seu primo-irmão Miguel Galvão Teles. O equilíbrio da fusão traduz-se numa liderança partilhada entre mim e o João Soares da Silva. As fusões entre pessoas são sempre complexas e laços de profunda amizade entre alguns

sócios facilitam, protegem, estabilizam, relativizam, resolvem as turbulências próprias do ajustamento de personalidades. A função do José Manuel permanece viva e muito importante, exercendo com mestria a função típica de um «Senior Partner». A terceira década acelera ainda mais, dois anos depois, com a incorporação da CPPX, escritório de grande qualidade do Porto. Junta-se mais talento ao talento, distinguindo os seus sócios Carlos Osório de Castro, António Lobo Xavier, Joaquim Vieira Peres e Eduardo Verde Pinho.

A casa matriz, a Morais Leitão, Galvão Teles, entre 2004 e 2006 incorpora cerca de 50 advogados, mais do que aqueles que tinha em 2003. Este desempenho resiliente só foi possível pela comunhão de valores entre as firmas que integram o projeto e, sobretudo, pela clareza da *alma da instituição* que se ia construindo. Fiquei de preparar um texto que refletisse a *alma*

da Morais Leitão e só posso recordar com emoção a comoção do José Manuel ao ler a versão final e a dizer «somos isto»: «Grandes advogados atraem os grandes clientes, as grandes causas, os grandes destinos. Atrair, desenvolver e realizar grandes advogados, é o que todos deve motivar, cada dia aqui. Com a humildade que faz crescer, com a discrição dos grandes, com a força interior dos que nasceram para viver causas. Com liberdade responsável, com talento partilhado, com disciplina solidária. Com o cliente no centro, porque é por ele e para ele que aqui nos reunimos. Com paixão, que é a base da excelência e da sua sustentabilidade. Com ética, como um bem sem preço. Com humanidade, que distingue as relações felizes. Com alma de líderes, sem o que o nosso projeto se desfaz. Com sentido social, dimensão essencial da nossa profissão. Com um único horário, o da excelência e da responsabilidade. Primeiros entre iguais, como se esse fosse o nosso máximo, mas também o nosso mínimo».

A quarta década é o tempo da segunda transição geracional e do reforço da profissionalização, de passos maiores na internacionalização, do crescimento mais alargado, da sofisticação empresarial, do foco na inovação. O José Manuel acompanhou de muito perto todo este processo, nesta década liderado pelo seu filho, o Nuno Galvão Teles. A vida reservou-lhe uma satisfação imensa por ver o seu filho, por inteiro mérito e nenhum favor, à frente de uma instituição cuja história e cujos valores o José Manuel trazia tatuados na sua personalidade. ■

**“O exemplo do José Manuel trazia luz aquela dureza de vida, de nos fazermos à vida, o seu horário era o horário da excelência. A harmonia interna radicava numa comunhão de ideal, fazer uma advocacia de alto valor acrescentado e mantermos relações amigas, fundadas em humanidade e em solidariedade.”**

## TESTEMUNHO

## TER O SENHORIO DO SENHOR



**Rui Patrício**  
Sócio da Morais Leitão

Pedem-me que escreva sobre José Manuel Galvão Teles, por ocasião de mais uma evocação após o seu falecimento, e isso é-me difícil, por várias razões, das quais, *brevitatis causa*, destaco três: (i) é difícil escrever sobre alguém que me prendia a si com laços de tanta admiração quanto de afeto, e se a admiração proporciona abundância de temas para a escrita, já o afeto, e a conseqüente dor da perda, fazem minguar a capacidade para tanto; (ii) o essencial do que queria dizer já disse na Basílica da Estrela, em 4 de março, quando a família me honrou com o privilégio de dizer umas palavras, com as quais enchi quatro páginas e muitos minutos, tendo com isso tentado mitigar a tristeza, e não são aqui e agora o tempo e o lugar para a repetição; finalmente, (iii) muitos já disseram tanto, e bem, e não seria eu quem iria, repetindo ou glosando, dizer melhor, longe disso, e seja qual for a faceta que escolhesse do riquíssimo poliedro que ele foi - e continua a ser.

Contudo, não posso furtar-me à satisfação do pedido, seja em cortesia para quem o faz, seja em tributo, mais um (e sempre aquém do devido), ao visado. Pelo que procurarei concentrar-me num único ponto, e escolho-o para tema deste breve escrito, também e novamente, por três razões: (i) porque muito me marcou, (ii) porque ainda o não referi e, finalmente, (iii) porque ainda o não li ou escutei destacado quanto baste pela pena ou pela voz de outros. Vamos, pois, a ele, ao ponto, que se inscreve na faceta de advogado de José Manuel Galvão Teles (que é a que conheci melhor, e é também, ousado dizer, aquela que porventura

será, a um tempo, a mais marcante do seu percurso e a mais ilustrativa na vida pública das suas qualidades de ser-pessoa).

Tenho para mim - e em larga medida bebendo do magistério dele - que um advogado deve preocupar-se em ter o senhorio de várias coisas: do Direito, dos factos, do desassombro, da prudência, da firmeza, da flexibilidade, da palavra escrita e falada, do silêncio, da empatia, da atenção, da abertura à vida e ao mundo, da estratégia e da tática, da deontologia, do prazer, do sacrifício, *et cetera*. Mas deve procurar, também, ter o senhorio do cliente, sendo que esse é aqui, precisamente, o meu ponto. Senhorio em que sentido? Uma vez mais, em três, pois são três as partes essenciais desse sentido, que aprendi não só com ele, mas aprendi em primeiro lugar e em grande medida com ele, sendo certo que esse senhorio não é menos importante do que todos os outros e será talvez mais do que muitos, e é aí que tudo, ou pelo menos muita coisa começa e se define e molda.

Em primeiro lugar, o senhorio de dizer sim ou de dizer não, aceito ou não aceito, patrocino ou não patrocino, quero ou não quero, faço ou não faço. Claro que para o poder fazer é preciso poder fazê-lo, ter as condições, ter o privilégio. Mas também é preciso ter a visão e a inteireza para tanto. As vezes que eu o vi recusar, primeiro mudo de pasmo e, depois, à medida que as esquinas da vida me calejavam, prenhe de admiração e de gratidão, não só por mo ter ensinado, mas também por me ter (com outros) proporcionado as condições para o poder fazer.



**“José Manuel Galvão Teles era exímio. E, definindo-se em larga medida nisso e por isso um advogado, é também por aí, entre muitas outras coisas, que José Manuel Galvão Teles foi (e é, na recordação e no exemplo que perduram) um senhor.”**

Em segundo lugar, o senhorio de dizer o como, que é a espinha dorsal do patrocínio do advogado. O cliente, que é quem me escolhe e quem me pede ajuda, parece ser, por isso, o senhor, o meu senhor. Mas realmente só o é, ou deve ser, em parte, porque só sirvo bem esse meu (aparente) senhor se, além de ser senhor de mim mesmo, for senhor do caso, do como do patrocínio, se for eu a determinar o essencial desse como. Se eu, advogado, for, afinal, o senhor do senhor, naquelas circunstâncias, que são as que o colocam, a ele, o cliente, nos meus braços. O senhorio é do advogado, tem de ser. Ai de quem permite ao cliente que diga o como do patrocínio, pois, não só se porta consigo mesmo menos bem, como também, e principalmente, não serve realmente o que lhe é pedido, não faz a função, antes se funcionaliza.

Em terceiro lugar, ter o senhorio do cliente é também saber que quem decide é ele, mas que quer decidir comigo, ou, amiúde, que eu realmente decida por ele, ainda que numa jornada participa-

tiva. Isto é, o cliente quer saber, e deve saber, quais são as possibilidades, quais os riscos, quais os caminhos e quais os becos (com e sem saída), mas não quer apenas a descrição disso, quer – precisa, e eu devo-lho – saber o que deve fazer, e o que eu acho que ele deve fazer, tantas vezes o que eu faria no seu lugar (no qual me coloco, mas no qual não estou, e é precisamente por isso que sei melhor do que ele, em diálogo, por onde é melhor ou menos mau ir). E tenho de ser capaz, não só de compreender a importância disso, como de me “atravessar” nessa orientação / decisão, de colocar - como sói dizer-se e como arrepiá muitos, incluindo alguns advogados – “a cabeça no cepo”.

Coisa em que, como nas outras que em cima referi, e em tantas mais, José Manuel Galvão Teles era exímio. E, definindo-se em larga medida nisso e por isso um advogado, é também por aí, entre muitas outras coisas, que José Manuel Galvão Teles foi (e é, na recordação e no exemplo que perduram) um senhor. ■

## TESTEMUNHO

ZÉ MANEL  
GALVÃO TELES

**João Tiago Silveira**  
Sócio da Morais Leitão

Não tenho bem memória de quando conheci “o José Manuel Galvão Teles”, amigo e colega de Faculdade do meu pai. Deve ter sido algures num concerto na Gulbenkian para onde era arrastado às vezes ou, não sei bem, talvez na Praia Maria Luísa nos anos 80. Não me lembro, mas lembro-me bem de ter estado com uma figura de barbas, com uma voz forte e com ar de quem gostava de tratar a criançada de uma maneira especial. Deve ter sido um dia de Verão na Praia Maria Luísa, ao fim da tarde, na maré vazia, ou pelo menos gosto de pensar que foi assim.

Sabia, sem na verdade o conhecer, que era um homem recomendável. O faro não enganava: tinha aquele ar de D’Artagnan dos filmes “de capa e espada” que os miúdos adoravam. E, ainda por cima, era ex-colega do meu pai, amigo do Sampaio, Socialista e advogado que arriscava e se insurgia antes do 25 de abril contra a guerra colonial e que alinhava em publicações anti-regime. Só podia ser boa pessoa.

Foi com esta ideia do “José Manuel Galvão Teles” que vivi durante muitos anos. Só mais tarde vim a saber umas coisas sobre a sua atividade como advogado, várias delas pelas histórias do Joaquim Pires de Lima. Soube que defendeu pessoas acusadas por crimes políticos, que apregoava a liberdade, que dizia que um advogado não podia ter medo, que gostava de dizer coisas sem rodeios nem receios e que era um grande advogado de barra.

Em 2003 entrei na Morais Leitão, então Morais Leitão, J. Galvão Teles &

Associados. As razões eram boas e achei na altura que os fundadores deviam ser pessoas especiais. Criaram uma das primeiras “sociedades de advogados grandes” em Portugal, era moderna sem deixar de ser clássica, trabalhava-se muito, mas havia muita liberdade para fazer o que se queria, muitos tinham convicções políticas assumidas e isso era visto com um certo orgulho e era um projeto empresarial, ambicioso e moderno, mas sem perder a noção dos valores e de que era preciso fazer aquilo em que se acreditava. Coisas que os dois primeiros fundadores – João Morais Leitão e José Manuel Galvão Teles -, deixaram e que ficaram. Não é pouco trabalhar num sítio de que se gosta e rapidamente percebi que o espírito veio deles.

Num dia, com a naturalidade de quem sempre me conheceu, chamou-me para falar de assuntos jurídicos em que queria a minha opinião, do PS, de quem valia a pena na Faculdade de Direito e das novas gerações de políticos. Não me apresentou o escritório, não me falou dos colegas nem me deu as boas-vindas. Tratou-me como sempre tivesse estado na Morais Leitão, por tu. E eu também o tratei por tu, se calhar porque já conhecia aquelas barbas e aquele ar de quem fala a sério e a brincar e trata todos como gente. Ficou o Zé Manel e nunca mais deixou de ser assim.

Ficámos amigos e fiquei a saber mais do Zé Manel. Gostava muito dos seus amigos, fez coisas corajosas num tempo em que era preciso ter coragem para dizer o que se pensava, adorava falar com e aos

**“Foi nessa altura, depois de 2011, que comecei a perceber outra coisa. Eu não era assim tão especial e o Zé Manel fazia o mesmo a muitos outros, especialmente aos mais novos. Achei que era uma grande pessoa por tratar tantas pessoas 'como gente'.”**

mais novos, tinha a curiosidade de um miúdo e fazia certas coisas com um ar maroto de quem sempre teve uma parte de adolescente até ao fim da sua vida (ainda hoje guardo um ou dois segredos que ele me pediu para não contar ao Nuno...). Mandava-me recados para as novas gerações de advogados, para os jovens políticos, brincava com os académicos e fazia-me perguntas para perceber a quantas andavam “os mais novos”. Exagerava sempre os seus defeitos, as suas insuficiências e incapacidades, como só as pessoas muito confiantes fazem. E eu achava isso uma qualidade maravilhosa. Ainda para mais, sentia-me especial por o Zé Manel me reservar tanta atenção.

Assim foi nesses primeiros anos na Morais Leitão e assim continuou igual, quando me deu um manual para governar bem na minha saída da Morais Leitão em 2005 e quando mandava recados para governar melhor entre 2005 e 2011. Nesse ano, quando voltei à Morais Leitão, lá veio o mesmo telefonema, como nunca tivesse

estado fora: *“chega lá aqui que queria mostrar-te uma coisa”*. E lá estávamos novamente a começar por uma carta que um cliente queria que escrevêssemos e a acabar em quem estava a dar cartas na política e como o PS devia fazer melhor.

Foi nessa altura, depois de 2011, que comecei a perceber outra coisa. Eu não era assim tão especial e o Zé Manel fazia o mesmo a muitos outros, especialmente aos mais novos. Achei que era uma grande pessoa por tratar tantas pessoas “como gente”.

Hoje dei por mim a tentar perceber porque gostava mesmo dele. Se calhar era a imagem simpática de espadachim, se calhar era a coragem de ter arriscado pela liberdade quando isso era difícil, se calhar era por ser o camarada ilustre que dava importância ao aprendiz... Não sei mesmo, mas talvez fosse porque 1/3 do que fazia era a sério, 1/3 era a brincar e, no último terço, tratava todos por igual, novos e velhos, ricos e pobres, da mesma maneira. ■

## TESTEMUNHO

INADJETIVÁVEL  
(OU CARTA PARA  
UM HOMEM BOM)

**Diogo Costa Selxas**  
Advogado associado  
da Morais Leitão

Havia qualquer coisa de profundamente cinematográfico e pictórico nas horas passadas com o Dr. José Manuel Galvão Teles, dignas de serem captadas. Tanto quanto sei, Júlio Pomar fê-lo melhor que ninguém. Outros tantos poderiam inspirar-se. Quando, em 1957, Billy Wilder encarna a escrita de Agatha Christie em *Witness for the Prosecution*, recorrendo a Marlene Dietrich e Charles Loughton, este último, no papel do notável advogado Sir Wilfrid Robarts, poderia ter fixado alguém que ascendeu ao raro posto de mito. Os segundos iniciais confrontam-nos com a abertura de uma audiência – temos drama, personagens e cenário. Um Tribunal não é assim tão diferente do cinema... No entanto, estes segundos são abruptamente interrompidos pela imagem de um homem, Sir Wilfrid, que regressa do hospital acompanhado por uma enfermeira. Aquele Tribunal é, saberemos mais tarde, preâmbulo e destino. A invalidez meramente aparente. Ceddo nos apercebemos da resistência à doença, com discussões inflamadas com a enfermeira; ela que, nos últimos momentos do filme, reconhece não ser possível silenciar a vocação daquele homem. Em ambos, Dr. José Manuel e Sir Wilfrid, realidade e ficção, o amor pela advocacia, a acutilância, o apelo do confronto e da dialética. É certo que Sir Wilfrid foi enganado por Dietrich – *Quem é que pode não vacilar?*, como escreveu João Bénard da Costa, saudoso amigo do Dr.

José Manuel, ao referir-se à atriz – e o homem que defendeu com sucesso era, afinal, culpado. Mas a perfeição não é necessariamente virtude. No caso do Dr. José Manuel, a realidade ultrapassou a ficção e o que dela se conte ficará sempre aquém de como foi. Felizmente, essa história, *real e verdadeira*, foi testemunhada – e será lembrada – por muitos.

Entre pela primeira vez no gabinete do Dr. José Manuel convicto que olharia para mim como um *estagiário*, com muito para aprender, forçosamente levado até ali pelo empurrão de quem lhe tinha pedido ajuda. No entanto, onde esperava distância, encontrei afeto e onde esperava condescendência, encontrei uma imensa generosidade. Enquanto o acompanhava, observava a elegância dos gestos e das palavras, o cuidado com o próximo, a noção de serviço e o notável raciocínio jurídico. *Estética, ética e técnica*, demasiadas vezes relegadas para figuras distantes ou *lendas*, reuniam-se com um singular vigor, a que raramente se assiste. No seu caso, nenhuma poderia viver sem a outra, faziam parte de si.

No meio de tantas dificuldades, o Dr. José Manuel encarnou as belíssimas palavras de Jorge de Sena, demonstrando que “[h]ouve sempre infinitas maneiras de prevalecer, / aniquilando mansamente, delicadamente, / por ínvios caminhos quais se diz que são ínvios os de Deus.” A (aparente) incapacidade da doença tornou-se lugar de

vida, resistência e dignidade. As verdadeiras vocações ardem em permanência. Essa chama com muitos nomes – com *liberdade e justiça* à cabeça... – nunca desapareceu. Quando nos apercebemos que uma peça omitia um facto – omissão que nos favorecia – a reacção foi imediata: *retifique-se imediatamente*. A verdade acima de tudo.

Não pode existir mentira onde reina a poesia. Confesso que não foram raros os momentos em que *escapei* do gabinete para ler com o Dr. José Manuel – *quem só sabe de Direito nem Direito sabe...* O Direito – aquele *Direito* que o Dr. José Manuel transformou em modo único de ser – era intercalado por histórias com Sophia de Mello Breyner Andresen, Nuno Teotónio Pereira, Júlio Pomar, Alexandre O'Neill e tantos outros... Com efeito, não seria possível separar o que

na sua vida *se uniu*. O mais notável foi ter tornado essas figuras admiradas à distância, em *peças* de carne e osso, tão próximas e tangíveis. Recordo-me como nos rimos quando me contou que João Bénard da Costa e Alberto Vaz da Silva discutiram furiosamente uma carta que Agustina Bessa Luís, no seu notável – e ligeiramente *perverso* – sentido de humor, dirigiu ao primeiro, apesar de ter endereçado o sobrescrito ao segundo.

Estes momentos regressam em lugares inesperados... Recentemente, voltei a vê-lo no cinema (o cinema, *sempre* o cinema)... Em *Um Corpo que Dança*, belíssima obra de Marco Martins, observamos a evolução política, social e económica de Portugal, a partir do percurso do Ballet da Gulbenkian. A história da Companhia é intercalada por imagens de arquivo. A certa altura, observa-se

a libertação dos presos de Caxias após o 25 de abril e, por breves segundos, o Dr. José Manuel abraçado a Maria da Conceição Moita, a sorrir para a *madrugada que esperavam, onde emergiram da noite e do silêncio*. Este *acaso* – ou talvez não... a Providência tem destas coisas... – que se revelou uma belíssima homenagem, ilustrava na perfeição a vida que me deu a conhecer. Sophia – de quem tanto falámos – afirmava-o, pouco depois, em 1975, *que toda a cultura real trabalha para a libertação do homem e que a cultura não existe para enfeitar a vida, mas sim para a transformar – para que o homem possa construir e construir-se em consciência, em verdade e liberdade e em justiça*. Também eu pude testemunhar que o seu caminho, mesmo quando se deparava com tantas dificuldades, viveu dessa singular *comunhão* entre arte e política, liberdade e cultura, que se tornou num dos mais belos retratos de uma existência plena.

Assim, apesar da inevitabilidade do *tempo* e da nossa *condição*, para quem tanto amou a beleza das coisas, por força da memória, da presença e do exemplo que nos são legados, não desaparece. Como num maravilhoso *haiku* de Tolentino Mendonça, talvez se possa dizer, Dr. José Manuel,

Agora só resta  
tornares-te  
o poema

O *rasto*, esse *poema*, em que se torna a vida que nos deixou. ■

**“Onde esperava distância, encontrei afeto e onde esperava condescendência, encontrei uma imensa generosidade. Enquanto o acompanhava, observava a elegância dos gestos e das palavras, o cuidado com o próximo, a noção de serviço e o notável raciocínio jurídico.”**